

# A religião enquanto instrumento de libertação do homem como sujeito social: um estudo a partir da perspectiva de Rubem Alves

*Religion as an instrument for the liberation of man as a social subject: a study from the perspective of Rubem Alves*

*Darlon de Oliveira Souza<sup>1</sup>*

*Joseane Zacché Avellar<sup>2</sup>*

*Keylla Cristina Coura Ribeiro<sup>3</sup>*

**Resumo:** O presente artigo tem como proposição explorar os argumentos empregados por Rubem Alves<sup>4</sup> a respeito dos seus questionamentos sobre o tema Religião a partir da concepção institucionalizada de uma crença e como esta pode oprimir o homem enquanto sujeito social. Absorto em seus pensamentos, Alves prenuncia uma nova concepção de religião que parte do princípio de que este mesmo homem social se revela como sujeito imbuído de esperanças e expectativas para se libertar da situação de opressão a que é submetido em uma sociedade de classes injusta e desigual.

---

Artigo recebido em: 20 out. 2017

Aprovado em: 18 dez. 2017

<sup>1</sup> Mestrando em Ciências das Religiões pela Faculdade Unidade de Vitória. Bacharel em Fisioterapia, Especialista em fisioterapia Hospitalar, docência do Ensino Superior e Anatomia e patologia Associada. Docente da Faculdade Multivix.

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Licenciada em Pedagogia especialista em Educação, Técnica em Educação SEDU-ES.

<sup>3</sup> Mestranda em Ciências das Religiões pela Faculdade Unida de Vitória. Licenciada em História, Especialista em História do Brasil, Docente da Secretaria de Educação de Minas Gerais..

<sup>4</sup> Rubem Alves (1933-2014) foi pastor presbiteriano brasileiro, teólogo, psicanalista, educador, escritor. Publicou várias obras na área de Teologia, de Educação, bem como livros infantis. Disponível em <http://www.institutorubemalves.org.br/>. Acesso em 03/08/2016.

**Palavras-chave:** Rubem Alves; religião; crença; opressão; libertação.

**Abstract:** This article aims to explore Rubem Alves' arguments regarding his concerns on Religion designed as an institutionalized conception of a belief and how this can overwhelm the man as a social subject. On his thoughts, Alves foreshadows a new conception of Religion that assumes that this same social subject reveals himself, as imbued with hope and expectations to free himself from the situation of oppression he is subjected to in an unfair and unequal class society .

**Key words:** Rubem Alves; religion; belief; oppression; release.

## Introdução

O itinerário reflexivo de Rubem Alves é apresentado por Nunes<sup>5</sup> tendo como ponto de partida os seus escritos iniciais a partir da década de 1960, quando da sua formação teológica no Seminário Presbiteriano de Campinas.<sup>6</sup>A transformação do pensamento teológico de Alves é retratado por Nunes a partir de três fases, assim distribuídas: fase *teológico-pastoral*, que está vinculada à época em que Alves acabara de se formar no Seminário Teológico e iniciara as suas atividades como pastor na cidade de Lavras (Minas Gerais); fase *filosófico-poética*, vinculada ao período em que a Igreja Presbiteriana do Brasil acusou Alves de subversivo e herege, onde foi perseguido pela Ditadura Militar e tendo que se exilar nos Estados Unidos e fase *poético-filosófica*, momento no qual Alves, a partir de fatos ocorridos na sua vida pessoal, rompe definitivamente com a linguagem cientificista e academicista, passando a harmonizar o religioso e o poeta como uma forma diferente de se expressar no mundo<sup>7</sup>. Segundo Nunes, Alves “*Em sua metamorfose [...] começou como teólogo otimista, tornou-se um filósofo cauteloso e, por último, chegou ao poético e místico preocupado em viver a vida no seu fluir.*”<sup>8</sup>

Importante se faz destacar que foi ainda no Seminário, e sob forte influência de Richard Shaull<sup>9</sup>, que Alves apropriou-se da

---

<sup>5</sup> NUNES, Antônio Vidal. *Etapas do itinerário reflexivo de Rubem Alves: a dança da vida e dos símbolos*. In: O que eles pensam de Rubem Alves e de seu humanismo na religião, na educação e na poesia. Antonio Vidal Nunes (Org.) – São Paulo: Paulus, 2007, p. 11 – 51.

<sup>6</sup> NUNES, 2007, p. 11-51.

<sup>7</sup> NUNES, 2007, p. 11-51.

<sup>8</sup> NUNES, 2007, P. 15.

<sup>9</sup> SHAULL, Richard (1919-2002). Missionário presbiteriano estadunidense que atuou por dez anos no Brasil, entre 1952 e 1962. Shaull pôs-se a pensar a revolução social e a atribuir-lhe sentido religioso e teológico, como desafio

concepção de fé enquanto sensibilização e compromisso com um mundo habitado por homens que se apresentam como povo sofredor que clama por uma justiça social que se faça presente nas vozes daqueles menos favorecidos e mais explorados por uma sociedade de classes elitista e excludente<sup>10</sup>. Em 1957, ao concluir seus estudos no Seminário Presbiteriano de Campinas, Alves inicia as suas atividades como líder religioso onde [...] “começou a estabelecer suas primeiras reflexões teológicas na busca de despertar os fiéis para os compromissos inadiáveis de construção de uma igreja inserida no mundo e compromissada com os mais pobres e explorados.”<sup>11</sup>

Independente de qualquer fase anteriormente evidenciada, Nunes nos leva a percorrer a estrada que Alves, desde o início de sua vida acadêmica, tomou como referência para a realização da sua estrutura enquanto sujeito social: o entendimento de que [...] “o homem é antes de tudo um ser de amor.”<sup>12</sup>

A compreensão de Alves acerca de religião se constitui [...] “nas entranhas das pessoas, as quais, no decorrer dos acontecimentos diários, procuram sentido em uma ordem em que possam vislumbrar o triunfo de seus desejos e de suas esperanças.”<sup>13</sup>

## 1. Materiais e métodos

Por se tratar de uma pesquisa de revisão bibliográfica, foram utilizadas as publicações do próprio Rubem Alves sobre o tema Religião, bem como as produções de outros literatos que concentraram suas investigações sobre este autor. Para a realização deste estudo realizamos uma pesquisa da literatura no período compreendido entre Agosto a Dezembro de 2016. Preliminarmente, investigamos as publicações existentes na página oficial<sup>14</sup> do autor a respeito do tema religião e identificamos um acervo com a indicação de 19 obras sobre Teologia. Após a identificação deste acervo, selecionamos 5 destas obras que se relacionavam ao tema abordado

---

urgente aos cristãos e às igrejas. Disponível em: <http://www.bibliotekevirtual.org/index.php/2013-02-07-03-02-35/2013-02-07-03-03-11/592-er/v26n43/6667-teologia-e-revolucao-a-radicalizacao-teologico-politica-de-richard-shaull.html>. Acesso em 27/08/2017.

<sup>10</sup> NUNES, 2007, P. 11-51.

<sup>11</sup> NUNES, 2007, p. 21.

<sup>12</sup> NUNES, 2007, p. 50.

<sup>13</sup> REBLIN, 2014, p. 207.

<sup>14</sup> Instituto Rubem Alves. Disponível em: <http://www.institutoalves.org.br/acervo/acervo/>. Acesso em 03/08/2016.

na composição da pesquisa. A partir da leitura completa dos materiais, apuramos mais 3 publicações de outros autores que se relacionavam ao tema, totalizando 8 produções que compuseram o estudo.

## 2. Desenvolvimento

Nosso questionamento inicial encontra-se provocado a partir das indagações que pairam a respeito de Deus e sobre o sentido da vida por meio da perspectiva da religião enquanto essência na vida do sujeito social e como esta, por estar envolta aos avanços tecnológicos e científicos do século XXI, poderá subsistir em meio a tantas transfigurações da vida cotidiana do homem enquanto agente da sua própria história. Estes e outros questionamentos são pontuados a partir do estudo da obra *O que é religião?* onde Alves se propõe a desvelar que é essencial reconhecer a religião [...] “*como presença invisível, sutil, disfarçada, que se constitui num dos fios com que se tece o acontecer do nosso cotidiano. A religião está mais próxima de nossa experiência pessoal do que desejamos admitir.*”<sup>15</sup>

Ao assinalar a religião como uma “*teia de símbolos, rede de desejos*”<sup>16</sup> Alves o faz no sentido de nos levar a compreender que o homem se projeta nesta crença a partir da sua [...] “*necessidade de viver em um mundo que faça sentido*”<sup>17</sup> para que a sua sobrevivência estivesse garantida enquanto sujeito social. Constata, ainda, que a religião está caracterizada como herança cultural que floresceu a partir de uma tradição que pudesse representar Deus como um ser que pudesse se justificar enquanto [...] “*uma onipresença que faziam com que o mundo invisível estivesse mais próximo e fosse mais sentido que as próprias realidades materiais.*”<sup>18</sup>

Exatamente por estar concebida enquanto herança cultural e se revelar em [...] “*um aspecto essencial e permanente da humanidade*”<sup>19</sup>, a religião é um fenômeno que não tende a desaparecer e sim a se transfigurar a partir da transformação do mundo, pois “*Onde estiver a sociedade ali estarão os deuses e as experiências sagradas.*”<sup>20</sup>

---

<sup>15</sup> ALVES, 2014, p. 13.

<sup>16</sup> ALVES, 2014, p. 24.

<sup>17</sup> ALVES, 2014, p. 34.

<sup>18</sup> ALVES, 2014, p. 41.

<sup>19</sup> ALVES, 2014, p. 61.

<sup>20</sup> ALVES, 2014, p. 66.

Alves articula o pensamento de Marx para se apropriar da concepção de que o homem que produz a religião [...] *“é um corpo, corpo que tem de comer, corpo que necessita de roupa e habitação, corpo que se reproduz, corpo que tem de transformar a natureza, trabalhar, para sobreviver.”*<sup>21</sup> Assim, a legitimação da religião é confirmada pela necessidade do mundo capitalista que traz consigo as marcas do sujeito social enquanto um ser alienado para que se possa consolidar as classes dominantes e consolar os mais fracos por meio de ilusões a partir da busca por uma resposta que viesse a acalantar as vozes sufocadas da criatura oprimida em seus momentos de insônia e de sofrimento.<sup>22</sup>

A religião que se apresenta por meio do discurso religioso institucionalizado e enquanto mecanismo que legitima e consolida o *status quo*, é um instrumento de alienação do sujeito social a partir do momento em que este abdica da sua vontade e interesses pessoais em detrimento de uma vontade coletiva.<sup>23</sup>

É Na obra *O suspiro dos oprimidos* que identificamos como a sistematização desenvolvida por Alves ao abordar o tema religião perpassa pela necessidade em se alcançar o caminho da linguagem enquanto redes de palavras que são utilizadas para a socialização do homem e, conseqüentemente, encerram em si o poder de libertar ou escravizar o sujeito social por meio do discurso religioso.<sup>24</sup>

Compreende-se a linguagem enquanto [...] *“um conjunto de sinais fonéticos e/ou gráficos convencionais, criados pela sociedade a fim de representar para o homem as coisas e suas relações, e assim tornar possível a comunicação [...]”*<sup>25</sup> Entendida desta forma, a linguagem que permeia todo o aparato da sociedade toma como ponto de partida e de chegada uma relação existente entre alguém que fala, outro alguém que ouve e um assunto do qual se fala, estabelecendo-se uma conexão de comunicação entre os indivíduos sociais.

Ainda em *O suspiro dos oprimidos*, Alves estrutura a concepção de linguagem em uma perspectiva mais abrangente do aspecto fonético enquanto organização fonético-gráfica. A partir desta construção, transportamos a compreensão desta estrutura para o tema religiosidade, tendo em vista que as edificações acerca da crença religiosa são incorporadas por estes símbolos enquanto [...] *“valores [...] que são compartilháveis, comunicáveis, sociais.* A linguagem constitui-se também como [...] *“o ato de pessoas falarem*

---

<sup>21</sup> ALVES, 2014, p. 73.

<sup>22</sup> ALVES, 2014.

<sup>23</sup> ALVES, 1999.

<sup>24</sup> ALVES, 1999.

<sup>25</sup> ALVES, 1999, p. 17.

e entenderem[...]” algo a partir do momento em que elas [...] “participam de uma mesma estrutura de valores.”<sup>26</sup>

Diante da concepção da linguagem como parte integrante de uma estrutura dialógica, Alves admitiu ter sido prisioneiro em uma “gaiola de palavras” por muitos anos e afirma serem, as religiões, “uma enorme feira onde se vendem pássaros engaiolados de todos os tipos.”<sup>27</sup>

Na obra intitulada *Religião e repressão*, Alves nos transporta a uma análise do protestantismo a partir dos materiais empíricos por ele obtido da Igreja Presbiteriana do Brasil a partir dos conflitos intra-institucionais apresentados por esta religião. Tais conflitos manifestaram-se de forma muito violenta e, ao ser contestado por outro espírito, revelou-se por meio de uma série de atos políticos concretos que terminaram por esmagar as vozes dissidentes daqueles que projetavam a religião enquanto uma forma de responsabilidade social que elegiam a escuta das vozes dos oprimidos em detrimento às imposições de uma sociedade elitista e excludente.<sup>28</sup>

Sobre a igreja protestante enquanto instituição religiosa, Alves demonstra que “A comunidade da liberdade e do amor, a Igreja por que aspirávamos, não se encontrava dentro dos limites institucionais da organização eclesiástica.”<sup>29</sup>

No decorrer da leitura acima apontada, percebemos claramente que a disposição do discurso apresentado descreve a trajetória de Alves desde o seu percurso enquanto seminarista até o momento em que a Igreja Presbiteriana o acusou de subversivo e herege. As reflexões apresentadas recaem sobre a questão das religiões enquanto instituições que “engaiolam” a verdade, a liberdade e o pensamento do homem enquanto sujeito social.<sup>30</sup>

Ao descrever o princípio norteador que fundou a origem do Protestantismo como sendo o grito reprimido de liberdade do homem contra a ideologia do catolicismo, que se baseava no aprisionamento da consciência, Alves pontuou que o protestantismo também perdeu a sua essência enquanto religião institucionalizada a partir do momento em que passou o espírito da modernidade a servir-se da lógica capitalista ao ajustar-se aos ideais da classe dominante.<sup>31</sup>

---

<sup>26</sup> ALVES, 1999, p. 29.

<sup>27</sup> ALVES, 2005, p. 10.

<sup>28</sup> ALVES, 2005.

<sup>29</sup> ALVES, 2006, p. 15.

<sup>30</sup> ALVES, 2005.

<sup>31</sup> ALVES, 2005.

Analisando os textos das escrituras, Rubem Alves se distancia da ética postulada pela instituição protestante, que se considera detentora da verdade enquanto caminho moral para a salvação do homem, e indica que esta mesma verdade pode ser vista sob a ótica do bem que podemos realizar ao considerar a religião como [...] “ação de amor, e não no mal que deixamos de fazer [...]”.<sup>32</sup>

Em *O enigma da religião*, Alves aborda a questão da religiosidade utilizando-se dos paradigmas de vários sociólogos. Seleccionamos, dentre os citados durante a análise da obra, Wittgenstein, Feuerbach, Marx, Nietzsche e Durkheim. Para compor a sua interlocução, Alves dialoga as considerações acerca do tema religiosidade com os paradigmas psicanalíticos apresentados em Freud.

Em Wittgenstein, Alves nos conduz a uma reflexão acerca dos “acordos silenciosos” que nos condicionam a não perceber que construção de uma realidade foram edificados pela pelo próprio homem para que este pudesse sentir-se protegido contra [...] “os duros fatos da realidade.”<sup>33</sup>

Em Feuerbach, Alves serve-se do ponto de vista de que a religião é uma manifestação da imaginação humana, uma vez que esta religião nos permite ver as coisas do mundo real sob a ótica de uma idealização da mente humana.<sup>34</sup>

Em Marx, o paradigma empregado concentra-se na concepção de alienação, tendo em vista que a religião obscurece a realidade a partir de uma esperança controversa entre a existência do homem por meio de uma experiência que “encanta” o sujeito social para torná-lo doutrinável aos processos sociais que se apresentam de forma injusta e desigual.<sup>35</sup>

Ao explorar as concepções de Nietzsche, Alves registra que este, ao anunciar a morte de Deus, o faz como se esta nova estrutura viesse a romper com a repressão imposta pela religião institucionalizada no sentido de elevar o homem a sentir-se livre para exercer sua autonomia no sentido de interação com a natureza e com a vida.<sup>36</sup>

A partir das considerações de Durkheim, Alves postula que a religião há de se eternizar no mundo dos homens [...] “como expressão de amor e como expressão de medo. O homem viverá,

---

<sup>32</sup> ALVES, 2005, P. 254.

<sup>33</sup> ALVES, 2006, p. 21.

<sup>34</sup> ALVES, 2006.

<sup>35</sup> ALVES, 2006.

<sup>36</sup> ALVES, 2006.

*para sempre, num mundo de deuses e demônios, símbolos de suas aspirações e temores [...]*<sup>37</sup>

As considerações apontadas a partir dos paradigmas apresentados em Freud ampliam a concepção de que a religião, enquanto manifestação da imaginação humana encontra-se influenciada a partir dos desejos e aspirações do homem a partir daquilo que ele idealiza enquanto realização do impossível: “*Na imaginação o homem se liberta da necessidade fria e insensível que o rodeia, e entra num mundo encantado em que o seu amor reina supremo.*”<sup>38</sup>

Tecidas algumas considerações basilares a respeito da religião a partir dos paradigmas que fundamentaram as análises até aqui apontadas, transportaremos nossas interlocuções alicerçadas em um Rubem Alves poético-filosófico, última fase sugerida pelo estudo apresentado por Nunes<sup>39</sup> no início do nosso diálogo. Traremos como pano de fundo para esta nossa conversa, a obra *O Deus que conheço*, onde Rubem Alves dissemina sua teologia e a crença que carrega consigo com uma característica própria e pessoal, utilizando uma linguagem peculiar, às vezes espirituosa, às vezes poética, por meio de seu olhar autêntico e inusitado sobre o divino<sup>40</sup>. Assim, quando dialoga sobre Deus, Alves o faz com uma propriedade ímpar e espontânea ao expressar sua admiração diante do encanto que habita nas sombras ocultas do seu Deus.<sup>41</sup>

Esta linguagem peculiar, espontânea e poética de Alves nos encanta pela inteligibilidade ao proclamar que Deus é [...] “*um grande, enorme Vazio, que contém toda a beleza do universo*”<sup>42</sup> e que este mesmo Deus [...] “*não precisa de lugares sagrados – cada ser humano é um altar, onde quer que esteja.*”<sup>43</sup>

Ao declarar a vida como o princípio ético supremo do homem, Alves nos aproxima da necessidade em deixarmos de sermos nós mesmos para nos transformarmos no outro que dialoga com a liberdade individual a partir da [...] “*presença de uma ausência [...]*” [...] “*da sombra de Deus no mundo [...]*” para que a gente possa ouvir a voz do silêncio que está reservada dentro de nossos corações e das nossas mentes enquanto sujeitos sociais.<sup>44</sup>

---

<sup>37</sup> ALVES, 2006, p. 58.

<sup>38</sup> ALVES, 2006, p. 49.

<sup>39</sup> NUNES, 2007.

<sup>40</sup> CERVANTES-ORTIZ, 2005.

<sup>41</sup> ALVES, 2015.

<sup>42</sup> ALVES, 2015, p. 20.

<sup>43</sup> ALVES, 2015, p. 24.

<sup>44</sup> ALVES, 2005.



## Considerações

As reflexões até aqui apresentadas carregam em si a capacidade de nos fazer apreciar [...] “a beleza, a liberdade, a leveza e a criatividade poética com que Rubem Alves trata o fazer teológico.”<sup>45</sup>

A compreensão de que o sentido da vida perpassa pela presença da ausência de Deus nos indica que, enquanto seres humanos, temos a necessidade de acreditar que algo invisível aos nossos olhos impera em nossas mentes enquanto esperança de uma vida que transcende a nós mesmos enquanto sujeitos sociais mergulhados em nossas angústias e sofrimentos.

Na perspectiva alvesiana, o fazer religioso do homem necessita superar as questões impostas pela religião institucionalizada, uma vez que esta última não nos dá a possibilidade de enxergar a realidade dos sujeitos oprimidos que clamam pela misericórdia de um Deus que só se faz presente em seus sofrimentos e angústias mais profundas. Assim, para Alves, “*Deus e o sentido da vida são ausências, realidades por que se anseia, dádivas da esperança. De fato, talvez seja esta a grande marca da religião: a esperança.*”<sup>46</sup>

## Referencial

Instituto Rubem Alves. Disponível em: <http://www.institutorubemalves.org.br/acervo/acervo/>. Acesso em 03/08/2016.

ALVES, Rubem. *O enigma da religião* – 5<sup>a</sup> ed. – Campinas: Papirus, 2006.

\_\_\_\_\_. *O suspiro dos oprimidos*. São Paulo. Paulus, 1999.

\_\_\_\_\_. *Religião e repressão*. Edições Loyola, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. *O que é religião?* – 15<sup>a</sup> ed. -São Paulo: Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. *O Deus que conheço* – 4<sup>a</sup> ed. – Campinas, SP: Vênus, 2015.

CERVANTES-ORTIZ, Leopoldo. *A teologia de Rubem Alves: Poesia, brincadeira e erotismo*; Tradução Eleonora Frenkel Barreto. – Campinas, SP: Papirus, 2005.

NUNES, Antônio Vidal. *Etapas do itinerário reflexivo de Rubem Alves: a dança da vida e dos símbolos*. In: O que eles pensam de Rubem Alves e de

---

<sup>45</sup> REBLIN, In: DIAS, Zwinglio Mota, 2014, p. 13.

<sup>46</sup> ALVES, 2014. P. 125.

seu humanismo na religião, na educação e na poesia. Antonio Vidal Nunes (Org.) – São Paulo: Paulus, 2007, p. 11 – 51.

REBLIN, Iuri Andréas. *Outros cheiros, outros sabores...: o pensamento teológico de Rubem Alves*. – 2<sup>a</sup> ed. rev. atual. São Leopoldo: Oikos, 2014. E-book. ISBN 978-85-7843-430-4. Disponível em: [http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/REBLIN-Outros cheiros.pdf](http://www.est.edu.br/downloads/pdfs/biblioteca/livros-digitais/REBLIN-Outros_cheiros.pdf). Acesso em 20/11/2016.